



*Mrs.
March*

**VIRGINIA
FEITO**

Tradução de Alda Rodrigues



I

George March tinha escrito outro livro.

Era um livro volumoso; na capa, via-se uma antiga pintura holandesa a óleo, com uma jovem donzela a tocar discretamente no próprio pescoço. No seu bairro, Mrs. March passou por uma livraria que tinha na montra uma pirâmide de exemplares de capa dura. Ela ainda não sabia, mas este romance estava prestes a ser proclamado a obra-prima de George March e já se infiltrava em todas as listas de *bestsellers* e clubes de leitura, esgotando mesmo nas lojas menos frequentadas e inspirando recomendações entusiásticas entre amigos. «Já leste o novo livro do George March?» era o desbloqueador de conversas mais recente nas festas e convívios.

Mrs. March ia a caminho da sua confeitaria preferida — um lugarzinho amoroso, com um toldo vermelho e um banco branco à frente. O dia estava fresco, mas não insuportavelmente frio. Mrs. March demorou-se a admirar as árvores já despidas que ladeavam as ruas, as estrelas-do-natal aveludadas que demarcavam as fachadas das lojas e as vidas em exibição nas janelas das casas geminadas.

Quando chegou à confeitaria, viu de relance o seu reflexo na porta de vidro, antes de a empurrar para abrir e entrar, fazendo tilintar o sininho em cima. Ao sentir o bafo quente e os corpos húmidos lá dentro, combinados

com o calor dos fornos na cozinha, corou imediatamente. Ao balcão, formara-se uma fila generosa, que serpenteava em torno das mesas dispersas, ocupadas por casais e homens de negócios bem-dispostos, todos tomando café ou o pequeno-almoço, indiferentes ao barulho que eles próprios faziam.

O pulso de Mrs. March bateu mais depressa, devido ao nervosismo e à cautela que nela se manifestavam de modo visível sempre que tinha de interagir com outras pessoas. Sorrindo para os desconhecidos em redor, foi para a fila e tirou as luvas de pelica. Prenda de George no Natal de há dois anos, tinham uma cor muito distintiva para luvas: uma espécie de verde-menta. Ela nunca teria escolhido essa cor — não acreditaria que se poderia safar com aquilo —, mas dava-lhe prazer imaginar que as pessoas que não a conheciam, quando a vissem com elas, partiriam do princípio de que era uma mulher despreocupada, confiante e capaz de escolher uma cor tão ousada.

George tinha comprado as luvas no Bloomingdale's, coisa que continuava a impressioná-la. Imaginava George à frente do balcão das luvas, a gracejar com as funcionárias adadoras, nada constrangido por estar numa secção feminina. Ela própria tinha tentado uma vez comprar *lingerie* no Bloomingdale's. Nesse dia de verão em particular, estava um calor abrasador; a camisa dela colava-se às costas e as sandálias pegavam-se ao passeio. O suor parecia ressumar do chão.

A meio de um dia da semana, o Bloomingdale's atraía sobretudo donas de casa abastadas — mulheres que se aproximavam languidamente dos cabides de roupas, com sorrisos em tons rosa-pastel, besuntados por cima de lábios que faziam beicinho. Tinham ar de quem, na verdade, não

queria estar ali, mas, oh, não havia simplesmente volta a dar — era inevitável experimentarem umas roupas e talvez comprarem umas poucas. Este gênero de energia intimidava mais Mrs. March do que a que permeava a loja ao fim do dia, quando as mulheres que trabalhavam se atiravam às prateleiras sem qualquer elegância ou dignidade, revistando rapidamente os cabides, sem se darem ao trabalho de apanhar as roupas que deslizavam para o chão.

Nessa manhã, no Bloomingdale's, tinham encaminhado Mrs. March para um provador grande, forrado a rosa. Num dos cantos, havia um divã pesado em veludo, ao lado de um telefone interno, através do qual ela poderia chamar a vendedora, que imaginava a desfazer-se em risinhos e sussurros logo ao lado da porta. Naquele espaço, tudo, incluindo o tapete, era num tom rosa-vivo e pegajoso, como o hálito a pastilha elástica de uma rapariga de quinze anos. Oscilando de modo provocante num cabide revestido a seda, pendurado na porta do provador, o sutiã que tinham escolhido para ela era macio, leve e cheirava bem, como *chantilly*. Mrs. March levou uma tira rendada ao rosto e cheirou-a. Tocou na blusa de modo hesitante, mas não conseguiu obrigar-se a despi-la para experimentar aquela peça delicada.

Acabou por comprar *lingerie* numa lojinha da baixa, de uma mulher coxa e com verrugas, que acertou no tamanho do sutiã depois de lançar um olhar rápido ao seu corpo totalmente vestido. Mrs. March gostou do modo como a mulher a aliciou, elogiando-lhe a silhueta e, melhor ainda, criticando as de outras mulheres, entre *oy veys* desapontados. Nesta loja, as clientes olharam para as suas roupas caras com inveja visível. Nunca mais voltou ao Bloomingdale's.

Agora, na fila da confeitaria, olhou para as luvas em que segurava e, reparando nas suas unhas, constatou com consternação que estavam secas e estaladas. Voltou a calçar as luvas de pelica, mas, quando levantou a cabeça, percebeu que alguém se tinha enfiado no lugar à frente dela na fila. Pensando que, sem dúvida, se trataria de um erro, tentou perceber se a mulher pretendia simplesmente cumprimentar alguém que já estava na fila — mas não, estava em silêncio. Desconfortavelmente, Mrs. March interrogou-se se devia ou não questioná-la. Era má educação passar à frente de alguém numa fila, se de facto o tinha feito intencionalmente, mas e se Mrs. March estivesse enganada? Pensando melhor, não disse nada; em vez disso, aguardou a sua vez e sugou o interior da boca — um hábito compulsivo que herdara da mãe —, até a mulher pagar e se ir embora.

Sorriu para Patricia, do outro lado do balcão, a mulher corada e de cabeleira volumosa que geria a loja. Simpatizava com Patricia — via-a como uma espécie de estalajadeira rechonchuda e desbocada, mas bondosa, o género de personagem que protegeria um bando de órfãos humildes num romance de Dickens.

— Ah, aqui está a mulher mais elegante da loja! — exclamou Patricia quando Mrs. March se aproximou. Radiante, Mrs. March virou-se para ver se alguém tinha ouvido. — O costume, querida?

— Sim, pão de azeitonas pretas e... bem, sim — respondeu. — Desta vez, quero levar duas caixas de *macarons*, por favor. Das grandes.

Patricia remexeu atrás do balcão, atirando a sua enorme cabeleira frisada de um ombro para o outro, enquanto tratava do pedido. Ainda a sorrir com ar sonhador, graças ao

elogio de Patricia, Mrs. March tirou a carteira e acariciou as reentrâncias da pele de avestruz com as pontas dos dedos.

— Estou a ler o livro do seu marido — comentou Patricia, desaparecendo temporariamente atrás do balcão sempre que se curvava. — Comprei-o há dois dias e já estou a acabar. Não consigo largá-lo. É excelente! Mesmo excelente!

Mrs. March aproximou-se, tocando no expositor de vidro com *muffins* e *cheesecakes* variados, para ouvir por cima do barulho.

— Oh! — reagiu, impreparada para esta mudança. — Bem, é bom saber. Tenho a certeza de que o George vai gostar de ouvir isso.

— Ainda ontem à noite comentava, com a minha irmã, que conheço a mulher do autor, e, caramba, ela deve estar orgulhosa.

— Oh, pois, sim, apesar de ele já ter escrito muitos livros...

— Mas não é a primeira vez que tem uma personagem inspirada por si?

Mrs. March, ainda acariciando a bolsa, sentiu um súbito entorpecimento. A sua expressão endureceu, ao mesmo tempo que as suas entranhas pareceram liquefazer-se, a ponto de ela pensar que havia o risco de se derramarem. Sem reparar em nada, Patricia pousou a encomenda no balcão e registou a conta.

— Eu... — disse Mrs. March, sentindo uma pontada de dor no peito. — Refere-se a quê?

— Quer dizer... à personagem principal. — Patricia sorriu.

Boquiaberta, Mrs. March pestanejou, sem saber o que responder, com os pensamentos colados ao crânio, como

se estivessem presos em alcatrão, apesar de ela puxar por eles.

Perante aquele silêncio, Patricia franziu o sobrolho.

— Posso estar enganada, claro, mas... são tão parecidas, que pensei simplesmente... bem, imagino-a a si quando leio, não sei...

— Mas... a personagem principal... não é...? — Mrs. March inclinou-se para a frente e, quase num sussurro, perguntou: — Uma *prostituta*?

Ouvindo isto, Patricia largou uma gargalhada ruidosa e bem-disposta.

— Uma prostituta com quem ninguém quer dormir? — acrescentou Mrs. March.

— Pois, sim, mas faz parte do encanto da personagem. — O sorriso de Patricia vacilou perante a expressão de Mrs. March. — De qualquer modo — continuou —, não é isso, é mais... o modo como fala, os maneirismos, até, ou a forma de se vestir.

Mrs. March olhou por si abaixo, para o seu próprio casaco de peles comprido, os tornozelos sob as meias e os mocassins brilhantes com borlas, depois voltou a encarar Patricia.

— Mas é uma mulher horrível — salientou. — É feia, estúpida e tudo aquilo que não quero ser.

A rejeição saiu um pouco mais visceral do que pretendia — o rosto macilento de Patricia compôs uma expressão de surpresa.

— Ah, bem... Só pensei que... — Franziu o sobrolho e abanou a cabeça. Mrs. March desprezou-a por aquela expressão imbecil de perplexidade. — De certeza que estou enganada, então. Não ligue. De qualquer modo, quase nunca leio. Nem sei do que estou a falar. — Afivelou

um grande sorriso, como se resolvesse a questão. — Mais alguma coisa, querida?

Sentindo náuseas, Mrs. March engoliu em seco e olhou para os sacos de papel pardo em cima do balcão, com o pão de azeitonas, os *muffins* para o pequeno-almoço e os *macarons* que encomendara para a festa que ia dar no dia seguinte à noite — uma ocasião intimista e de bom gosto, para celebrar o novo livro de George na companhia dos amigos mais próximos (ou, pelo menos, dos mais importantes). Afastou-se furtivamente do balcão e, olhando para as luvas que as suas mãos feias seguravam, percebeu com surpresa que voltara a descalçá-las.

— Eu... sabe, acho que me esqueci de qualquer coisa —, disse, voltando atrás.

O que antes fora um ruído de fundo intenso e tranquilizante parecia ter-se dissipado em murmúrios de conspiração. Virou-se para identificar os culpados. O olhar de uma mulher que sorria numa das mesas cruzou-se com o dela.

— Desculpe, tenho de ver se...

Deixando os sacos em cima do balcão, Mrs. March abriu caminho até à saída, acompanhando a fila sinuosa, com os murmúrios das pessoas a retinirem nos ouvidos e sentindo os seus hálitos amanteigados e quentes contra a pele, e os seus corpos quase a pressionarem o dela. Num esforço desesperado, arrastou-se porta fora, até chegar ao passeio, onde, sentindo que o ar cortante lhe invadia os pulmões, deixou de respirar. Agarrou-se a uma árvore ali perto. Quando o sininho da confeitaria tilintou atrás de si, Mrs. March atravessou depressa para o outro lado da rua, sem olhar para trás, só para o caso de Patricia ter vindo atrás dela. Não queria olhar, porque ela podia não ter vindo.

II

Mrs. March desceu a rua bruscamente, sem qualquer objetivo identificável e abandonando o seu percurso habitual — fosse como fosse, nada poderia ser normal sem a sua dose diária de pão de azeitonas e *muffins* para o pequeno-almoço. Talvez conseguisse substituir os *macarons*; ainda havia tempo antes da festa. Ou, então, poderia mandar Martha ir buscá-los mais tarde. Afinal, Patricia e Martha não se conheciam, embora houvesse o risco de Patricia desconfiar se Martha fizesse a mesma encomenda. «Não posso mandar lá a Martha, é demasiado arriscado», declarou em voz alta, causando um pequeno sobressalto a um homem que passava.

Ia ser estranho — nunca mais ver Patricia. Era uma presença habitual na sua vida — há anos. Sem dúvida, quando vestira os *collants* de manhã, escolhendo a saia *bordeaux* para combinar com a blusa marfim com folhos, não imaginara que seria o último dia em que veria Patricia. Se alguém lhe tivesse dito isto, ter-se-ia rido. Quando Patricia percebesse que nunca mais voltariam a ver-se, talvez dissecasse os pormenores do último encontro — o modo como estava vestida, o que tinha dito e feito —, e também ela acharia que parecia impossível.

Talvez não fosse muito grave, o facto de Patricia se ter comportado tão estouvadamente. Tinha feito um comentário

infeliz, sim, mas, na verdade, fora a única pessoa a propor um paralelismo entre ela e aquela mulher. Aquela *personagem*, corrigiu. Nem sequer é real. Talvez fosse *inspirada* por uma pessoa real... mas George nunca... pois não?

Freneticamente, virou para uma rua mais animada, enxameada de peões e buzinas de carros a troar. De um cartaz, uma mulher sorriu-lhe, com ar de entendida, erguendo as sobrancelhas como a mulher da confeitaria. **ELA NÃO FAZIA IDEIA**, dizia o texto do cartaz. Mrs. March parou tão bruscamente, que um homem colidiu com ela. Depois de se desfazer em desculpas, decidiu que precisava de se sentar. Dirigiu-se ao estabelecimento mais próximo, um café acanhado.

O interior era desengraçado e nada acolhedor. Em algumas zonas do teto, a tinta estava descascada, as mesas tinham manchas sinuosas que algum empregado limpava à pressa, a maçaneta da casa de banho estava arranhada, como se tivessem tentado arrombar a porta. Mrs. March reparou que só havia dois clientes, sem qualquer *glamour*. Ficou à porta, com ar desanimado, esperando que aparecesse alguém para a acompanhar ao lugar, embora soubesse que este género de sítio não funcionava assim. Tirou as luvas verde-menta e, enquanto as observava, os desagradáveis acontecimentos de há pouco acenderam-se como faróis apontados para ela. As palavras de Patricia. O livro de George. *Ela*.

O vergonhoso cerne da questão era ela não ter lido o livro. Não chegara a ler. Só tinha dado uma vista de olhos a uma das primeiras versões, no ano anterior. Já iam longe os dias em que — sentada, descalça, num cadeirão de vime — lia os primeiros manuscritos de George,

enquanto chupava fatias de laranja no antigo apartamento dele; no presente pardo e poluído de Mrs. March, esses dias pareciam irreconhecíveis. Tinha uma ideia geral do livro, claro — sabia sobre o que era e que havia uma prostituta gorda e patética —, mas não tinha parado para refletir mais acerca disso. A protagonista e o caráter explícito e de mau gosto da história tinham-lhe suscitado — decidia agora — demasiada repulsa para continuar a ler. «Maneirismos», resmungou entre dentes. Inspecionou as unhas mais uma vez. Perguntou-se se este seria um dos maneirismos.

— Bom dia, minha senhora. Está sozinha?

Olhou para o empregado, que trazia um avental negro que ela achou um pouco lúgubre para um café.

— Eu? Não, não estou sozinha...

— Mesa para dois, então?

— Bem, não tenho a certeza. A pessoa que espero pode não conseguir aparecer. Mas, sim, por enquanto, pode ser uma mesa para dois. Aquela? — Apontou para uma mesa junto à parede mais perto da casa de banho.

— Sem problemas. Prefere esperar pela outra pessoa ou posso anotar o seu pedido?

Na cara do empregado, Mrs. March quase detetou os vestígios do sorriso de alguém prestes a denunciar um *bluff*.

— Pode anotar — respondeu. — Eu peço pelas duas.

— Sim, minha senhora.

Mrs. March recordou a primeira vez em que a tinham tratado por «senhora» (ou, mais precisamente, por «*madame*»): não estava preparada, a palavra tinha-a deixado atordoada e magoada, como se tivesse levado uma bofetada. Pouco antes de fazer trinta anos, acompanhara George a Paris, numa das viagens de promoção dos seus livros. De manhã, sozinha na *suite* do hotel, enquanto

ele estava numa sessão de autógrafos, pediu um pequeno-almoço decadente: *croissants* e chocolate quente, crepes com manteiga e açúcar. Quando o empregado entrou com o carrinho, ela estava com um robe enorme, de cabelo molhado por ter tomado um duche há pouco e com a maquilhagem desfeita. Preocupava-a a possibilidade de parecer demasiado provocante, demasiado sensual, com os lábios inchados por os ter esfregado com uma toalha de felpa para eliminar os vestígios de vinho da noite anterior. Contudo, quando agradecera ao empregado (um rapaz esgalgado, praticamente adolescente, de pescoço queimado pelo sol) e lhe dera uma gorjeta, ele tinha respondido «Obrigado, *madame*», e saíra. Assim mesmo. Não a achava minimamente desejável. Aliás, provavelmente teria achado repugnante a simples ideia do seu corpo nu, e, apesar de ela não ter idade suficiente para ser mãe dele, era provável que a tivesse visto desse modo.

Naquele momento, o empregado de avental negro rondava por ali, coçando distraidamente uma crosta no pulso.

— O que vai ser, minha senhora?

Depois de pedir dois cafés — um expresso para si própria e café com leite para a sua potencial companhia imaginária —, respirou fundo e regressou ao tópico do momento. *Johanna* — assim se chamava a protagonista, recordou. *Johanna*. Sussurrou para si mesma. Até aqui, não tinha prestado grande atenção ao nome; nunca se perguntara sobre as razões que teriam levado George a escolher este nome para aquela personagem em particular. Não conhecia uma única *Johanna*, nunca tinha conhecido. Perguntou-se se George conheceria. Esperava que sim, já que isso confirmaria quase completamente que esta caricatura monstruosa se baseava numa pessoa, sem dúvida, diferente.

Com o expresso nas mãos, recordou — sentindo pena de si mesma — o apoio que tinha dado a George no início da carreira dele, escutando-o, concordando com a cabeça com tudo o que dizia, não se queixando. Mesmo sabendo que escrever não dava dinheiro. George comentara isso muitas vezes, em tom de desculpa; e o pai dela também (num tom diferente). Nessa época, George levava-a a um restaurantezinho italiano barato, em que todas as noites os empregados recitavam de memória a ementa — sempre diferente, sempre com ingredientes frescos. Ali, sentados a uma mesa sem toalha, com uma vela a tremeluzir entre ambos dentro de uma garrafa de vinho, George descrevia-lhe os contos mais recentes e as novas ideias que tivera, como se também ele, todas as noites, tivesse uma ementa diferente. Mrs. March ficava deslumbrada com o interesse genuíno que este respeitável professor universitário parecia demonstrar pelas opiniões dela. Não deixando a sua personalidade estragar tudo, sorria, dizia que sim com a cabeça e elogiava-o. Tudo por ele, pelo seu George.

Que teria desencadeado esta humilhação? O mundo inteiro passaria a vê-la com outros olhos. George conhecia-a tão bem, que se calhar tinha partido do princípio de que ela nunca leria o livro. Manobra arriscada. Mas não, concluiu ela com desprezo, não a conhecia assim tão bem. Johanna — já a imaginava nitidamente, sentada ao lado dela no café diminuto, a transpirar e com dentes podres, mulher de peito manchado e existência miserável, exatamente o oposto dela própria. Ocorreu a Mrs. March que poderia entrar intempestivamente em todas as livrarias, comprar todos os exemplares e destruí-los de algum modo — numa enorme fogueira, numa noite fria de dezembro —, mas seria um ato de loucura, claro.

Tamborilou com os dedos na mesa, verificou as horas no relógio de pulso, sem as ver, e, incapaz de suportar mais a ansiedade, decidiu regressar a casa para ler o livro. George tinha vários exemplares no escritório e só regressaria ao fim do dia.

Pagou a conta, pedindo desculpa pela ausência da sua amiga Johanna, cujo café com leite, intacto, arrefecia em cima da mesa, já sem espuma. O empregado de avental negro nem a viu sair. Os *collants* de Mrs. March estavam enrugados na zona dos tornozelos, como sobrolhos franzidos — talvez uma reação ao frio.

A caminho de casa, passou pela montra de uma loja de roupa onde duas vendedoras despiam um manequim. As mulheres arrancavam as roupas da boneca agressivamente; uma tirava o chapéu e a estola, a outra puxava o vestido, deixando à mostra um seio brilhante e sem mamilo. O manequim olhava em frente, com olhos azuis límpidos, sobancelhas negras e uma expressão tão magoada e infeliz, que Mrs. March teve de desviar o olhar.

III

Mr. e Mrs. March viviam num apartamento bastante agradável no Upper East Side, com uma entrada protegida por um toldo verde-escuro em que se lia a morada em cursivo, com maiúscula inicial em todas as palavras, como no título de um livro ou filme: *Ten Forty-Nine*.

O edifício de pequenas janelas quadrangulares, equipadas com aparelhos de ar condicionado, estava entregue aos cuidados do porteiro diurno, rígido na sua farda, que cumprimentou cortesmente Mrs. March quando ela entrou no *hall*. Cortês, mas desdenhoso, pensou Mrs. March. Partia sempre do princípio de que este homem sentia desprezo por ela — e muito provavelmente também por todos os outros moradores. Como poderia não sentir, quando estava ali para os servir, tendo de se adaptar aos ritmos das suas vidas, enquanto estas pessoas levavam uma existência luxuosa, sem se darem sequer ao trabalho de recolher informação sobre *ele*? Mas se calhar os outros, raciocinou Mrs. March pesarosamente, *faziam* um esforço para o conhecer. Talvez o facto de nunca lhe ter perguntado nada sobre ele mesmo, de, durante todos estes anos, nem sequer ter reparado se usava aliança ou se tinha desenhos de crianças em cima da secretária, explicasse a rigidez com que ele a tratava. Que inepta e indigna devia achá-la, sobretudo em comparação com as outras mulheres do prédio

Um romance de estreia engenhosamente perturbador, povoado de mistérios e escrito com assinalável domínio narrativo: Virginia Feito entretece o virtuosismo de Patricia Highsmith com o génio de Virginia Woolf, e afirma-se como uma grande escritora.

George March acaba de publicar um novo romance cujo sucesso é, como sempre, retumbante. Entre todos os que gravitam em torno do escritor, não há ninguém mais orgulhoso do que Mrs. March, esposa solícita, sempre pronta a festejar os êxitos do marido e a usufruir do estilo de vida que ele lhe proporciona. Criatura de rotinas e recato, Mrs. March compraz-se na sua vida requintada, num bairro de classe alta em Nova Iorque.

Para Mrs. March, todas as manhãs no Upper East Side começam de forma igual, com a visita à sua confeitaria preferida, para comprar pão de azeitonas. Até que, numa dessas visitas, a empregada da confeitaria lança a suposição de que a protagonista do novo livro de George March — uma patética trabalhadora sexual, que inspira mais escárnio do que desejo — se baseia na própria Mrs. March. É então que Mrs. March perde o que tinha de mais valioso na vida: a segurança de saber tudo sobre o marido, e até sobre si mesma. E desencadeia-se uma espiral de suspeitas e inquietações que põem a nu um misterioso homicídio e certos segredos do passado, há muito enterrados. Misturando sensibilidade hitchcockiana com perverso humor negro, Virginia Feito revela-se uma escritora diabolicamente talentosa no seu romance de estreia. *Mrs. March* é uma narrativa hipnotizante, de alta tensão, oferecendo uma incisiva indagação sobre a fragilidade da identidade humana e social.



«Um *thriller* psicológico tão divertido como angustiante. [...] Mrs. March e a sua autora vieram para ficar.»

El Mundo

«Um romance de estreia perfeito.»

The New York Times Book Review



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

 [alfaguaraeditora](https://www.facebook.com/alfaguaraeditora)

  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789897848704



9 789897 848704 >